

Estertor dos Critérios

Prisão

De uma maneira ou de outra, o homem está preso. Também Deus o está, em seus deveres, pois se estivesse em liberdade não se ocuparia dos homens. Presos, ainda por cima. Ou por isso. Eis, então o homem de Deus, que agrada a toda a gente e que talvez faça mais do que Cristo tenha feito, a história é feita disso mesmo, de compreensão, assimilação e superação. O Chega é tudo isso, um partido que dá e volta a dar, ou seja, uma espécie de Professor Tournesol das aventuras do Tintin, desta feita as aventuras na nossa república (MEC):...é esperar para ver o que este fará de bom, porque alguma coisa tem de bom, a partir da margem e mesmo que não queira, de alguma maneira pertence, nem que seja de modo constitucional. Então, nesses dias, espera-se uma retirada de Costa, depois de uma maioria. É estranho isto, mas não sei explicar, nem que fosse geógrafo ou funcionário do INE...

Sim, sentimo-nos presos, a liberdade de Abril está num beco, num canto do metro, numa girândola do Parque das Nações, numa moeda, numa nota embrulhada que nos dá acesso ao almoço de rojão de soventre...

Por mais estranho que pareça, essa prisão é, como diria Sartre, uma condição da liberdade, seja em teatro seja na performance artística, ou seja, o homem está refém da sua própria sobrevivência quando a solidariedade é pouco, ou seja, quanto mais ricos são, menos solidários, a não ser que sejam Cristiano Ronaldo...

Conheci um tipo todo armadilhado para correr, como se fosse uma máquina, já desde a secundária que o perseguia. Nesse dia estranho de Agosto, percebi que o havia ultrapassado e tendo ele casado duas vezes e

batia na mulher, e eu que nunca havia dado o nós, tinha agora um nó górdio e nem me atrapalhava nem um pouquinho...

Olho para a TV. Há debate parlamentar. Parlamentar, pois então, deviam, como diz o povo através de mim, estar uns quinze dias no Júlio por causa da tosse. Por isso é que o povo está cada vez mais desligado da política, andam às turras por causa de um computador e de uma balbúrdia, num contexto de uma “política de garotos”, como dizia há alguns dias no Público António Barreto...

O debate quase terminou. Ventura esperava a sua vez e eu nestas coisas particulares, mínimas, chutado para fora do sistema de ensino, ousando esquecer tudo, os meus sonhos e coisa do género, ou seja, as aulas no ensino secundário e no superior, o doutoramento que me permitiria uma certa liberdade de movimentos...

Tudo me parecia um carrossel. E não era na minha cabeça, afinal eu não precisava disso, estava como Bruce Chatwin, alheio a tudo num deserto hegemónico, como Saramago no Lavre, na terra preta de Cabo Verde...

_ Alguém falara obscenamente dos movimentos peristálticos e eu rezava para não ser cancro da próstata nem prostatite, sabendo que o corpo estavam feito para grandes erecções ao mesmo tempo que o clister entrava no corpo... Não sei porque, nesse momento lembrei-me de Wittgenstein e do já citado Chatwin, mas também da senhora do castelo, que tinha a sua visão do mundo, temprana com a sua saúde psíquica e emocional...

Como diz a canção, eu estava saindo dos problemas da minha vida e, ao fim de tantos anos de contemplação e reflexão, ensaiei um gesto, depois outro e mais outro e até que peguei numa realidade que estava aí, dasein, para ser vivida...

A Prisão era a de Goffman e Antunes, ou seja, a do culpado e do inocente, do Panóptico de Foucault e de uma certa forma de humor...

Assim, estava encostado à parede, porque eu próprio, não-colonizador, me havia posto lá, por imperativo moral, metafísico, existencial, como numa busca em favor da verdade, aquela a que regressamos quando nos batem, agridem, não nos dão justiça...

Victor Mota